

CLÍNICA E UNIVERSIDADE

Etiene Silveira Ortmann
Carlos Henrique Kessler

Este trabalho foi pensado a partir de interrogações que surgiram da prática clínica em uma clínica-escola de atendimento psicológico inserida em uma universidade. A Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS oferece para profissionais uma especialização acadêmica em atendimento clínico, sendo que muitos dos que a buscam o fazem pela aproximação ou, pelo menos, pelo desejo de aproximação com a psicanálise. A instituição é conhecida e reconhecida por propor o trabalho com a escuta psicanalítica.

Isso pode ser observado pelo lugar que a Clínica convoca àquele que nela ingressa ocupar (sair de uma posição de aluno para se situar em uma posição de terapeuta), pelo valor dado à supervisão e pelo convite aos terapeutas para que falem da sua prática. Também pode ser observado pelo ensino da psicanálise nas aulas teóricas, bem como a utilização do referencial psicanalítico nas discussões clínicas e supervisões.

A Clínica da UFRGS embora tenha sua prática articulada a partir da psicanálise é uma instituição acadêmica e, como tal, é permeada pelo saber universitário. Muitos autores têm assinalado, ao longo do tempo, os impasses que existem quando se propõe a transmissão da psicanálise em uma universidade.

Na ocasião do início do curso de especialização, a turma que então iniciava foi surpreendida pela decisão do Ministério Público em suspender os cursos de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que eram pagos pelos alunos, inclusive o pós da Clínica da UFRGS. A instituição então se posicionou oferecendo o curso, porém sem garantias de conferir o título de Especialista àqueles que optassem por permanecer. Esse acontecimento interrogou os alunos da especialização com relação ao que buscavam na instituição: embora muitos destes dissessem-se interessados na Clínica

pela possibilidade de um trabalho clínico sustentado pela Psicanálise, muitos também se questionaram sobre a permanência na Clínica sem receber o título de especialista. Alguns até abandonaram o curso nesse momento.

Embora na metade do mesmo ano aqueles que permaneceram receberam a notícia de que o curso estava autorizado, seguramente estes terapeutas foram afetados em seu lugar de se colocar na instituição. O objeto de estudo deste trabalho, portanto, parte do referido acontecimento jurídico-administrativo que coloca em jogo as implicações do terapeuta tanto com a instituição na qual se encontram quanto com a sua formação.

Em 1918/1919 com “*Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica*” reconhece que em alguns momentos não se pode deixar de combinar a influência analítica com a educativa. Os psicanalistas seriam, em algumas ocasiões, obrigados a assumir uma posição de mestre e mentor, devendo ter o cuidado para que o paciente não seja educado de modo a assemelhar-se com seu analista.

O tema Psicanálise e Universidade vem sido trabalhado por muitos autores. Destacaremos os principais textos freudianos que abordam o referido assunto. Freud em 1919 já se questionava se a psicanálise deveria ser ensinada no meio acadêmico. Em seu texto *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades* vai nos falar que a universidade pode se beneficiar da psicanálise através de aulas teóricas e pesquisa. No entanto, considera que o aluno universitário jamais “aprenderia a psicanálise propriamente dita” (FREUD, 1987, p. 189). A psicanálise, por sua vez, prescinde completamente da universidade para existir, sendo que o necessário para a formação do psicanalista é obtido fora dela. A formação teórica ocorre em sociedades ou instituições psicanalíticas enquanto que a experiência prática se dá a partir da análise pessoal e da possibilidade de

levar a cabo os tratamentos, sendo supervisionado e orientado por psicanalistas reconhecidos.

Quando escreve “*A Questão da Análise Leiga*” em 1926, Freud mostra a preocupação em marcar a diferença entre a prática médica e a prática do psicanalista, principalmente no que diz respeito ao estatuto dado à palavra: Embora ambos, médicos e psicanalistas, utilizem em alguma medida a palavra como instrumento de trabalho, o efeito desta vai depender do lugar desde onde cada um se coloca quando escuta e quando fala. Encontramos aqui uma diferença (entre médico e analista) no que se refere à forma de se colocar perante o paciente, diferença esta que vai ser explorada por J. Lacan no *O Seminário 17- O avesso da psicanálise*.

No referido seminário Lacan parte do que estabeleceu no seminário anterior: distinguir uma estrutura necessária, ultrapassando as circunstâncias da palavra. Tomando como instrumento a linguagem, se instaurariam certas relações que vão bem mais longe do que as enunciações proferidas. Estas estruturas se estabeleceriam na relação entre os significantes e dali emergiria o sujeito, representado também por um significante. Vai propor quatro discursos: do mestre, da histérica, do universitário e do analista. Utilizaremos aqui a construção lacaniana dos discursos como ferramenta teórica para pensar as questões que compõem este trabalho. Todavia, devido ao limite de tempo e também à complexidade do conceito de discurso, vamos nos abster da explanação do referido construto neste momento.

Autores contemporâneos, particularmente no Brasil, seguem se questionando a respeito da psicanálise na universidade. Lo Bianco (2006a) questiona que lugar pode ser dado ou retirado à psicanálise quando se entra nela pela via universitária. Diz ser possível que esta entrada se dê a partir do encontro com o enigma que é próprio da psicanálise, mas o meio de recuperar este saber seria, então, pela via do saber

universitário. Questiona também se não haveria um intuito de fazer com que o saber que estava sob a barra passar para o lugar de agente do trabalho. Ou seja, ao invés de se apropriar da psicanálise pela via do discurso do analista, fazê-lo pela via do discurso universitário.

Para Sternick (2006), a universidade não é um espaço para se formar analistas. Se a psicanálise estiver presente nos cursos de psicologia, sua intenção será despertar o interesse no estudante para que possa pensar algo *sobre* a psicanálise e *a partir* da psicanálise. Para alguns poderá haver ensino, para outros, transmissão. Isso porque a psicanálise conta com a transferência. Para a autora, se um aluno se sentir capturado pela teoria, ele pode se interessar pela psicanálise e buscar saber mais de sua *transmissão*.

Lo Bianco (2006b) nos diz que a tarefa a ser desempenhada pela universidade ao se propor ensinar a psicanálise seria a de tornar público o conhecimento psicanalítico, já que seria este o lugar para se desempenhar tal tarefa de forma fiel, precisa e escrupulosa. Para a autora, diferentemente, nas instituições psicanalíticas se aprenderia a escutar o significante em cada caso clínico, o que se defronta com a impossibilidade do aprendizado todo e com uma transmissão sem percalços, se autorizando a responder com a invenção quando surge um obstáculo.

O fato é que muitas pessoas parecem buscar a formação analítica pela via da universidade com a esperança ou mesmo acreditando ser possível alcançar esta formação no meio acadêmico, sendo que aqui no Brasil esse fato ocorre muito especialmente pela via dos cursos de Psicologia. Fontenele (2006) nos lembra que hoje a presença dos psicanalistas na universidade é uma realidade assim como a inclusão da psicanálise nos currículos universitários. No entanto, esse ensino esbarra em uma série de dificuldades, como as incompatibilidades teóricas e metodológicas entre a psicologia

e a psicanálise, bem como as diferenças de estratégias necessárias à transmissão desses dois saberes acerca do psiquismo. De qualquer modo, a inclusão da psicanálise nos cursos universitários parece fazer destes uma referência no ensino da psicanálise.

Barros (2006) problematiza, no que concerne especialmente aos cursos de graduação, como passar a técnica analítica àqueles que são tão pouco íntimos com a escuta do próprio inconsciente, já que a maioria dos alunos não teve até então um contato com a psicanálise. Muitos, inclusive, irão buscá-la a partir dos efeitos da clínica. Além disso, a escuta do inconsciente a partir da análise pessoal não pode ser cobrada daqueles que iniciam seu estágio sob orientação da clínica psicanalítica, pois não se constitui em uma exigência feita pelo MEC.

Kessler (2009) partindo de uma experiência de mais de vinte anos como supervisor em uma clínica-escola de psicologia que tem como base a psicanálise nos traz contribuições importantes para pensar a psicanálise nas universidades. Para o referido autor, o supervisor quando se depara com o impossível envolvido na presença do discurso do analista na universidade, terá que produzir, com seu ato, uma inflexão no discurso do universitário, no qual o estudante esteve até então imerso, para marcar um início na trajetória do supervisionando em direção à formação psicanalítica.

A partir do que foi exposto acima, pensemos um pouco sobre o que se procura quando se busca a prática a partir da psicanálise nas universidades. Quando se escolhe a universidade como lugar de passagem no percurso da formação, entra-se para um território onde, seguindo os princípios propostos por Lacan (1992), o agente do trabalho é o saber. No contexto da Clínica da UFRGS, parece que é isso que foi demandado pelos alunos, seja através da queixa de que as aulas fossem insuficientes para dar conta da teoria, seja através da inibição de não conseguir se colocar nas reuniões, tanto por julgar ainda não saber e desejar que o Mestre surja com a verdade, quanto por temer que

ele apontasse para o seu não saber. Aí se percebe um choque com o trabalho proposto pela Clínica o qual busca ser referido pela via do discurso do analista, no qual o agente de trabalho é a falta. O saber, neste discurso, aparece colocado no lugar da verdade, o que implica deparar-se com a impossibilidade do aprendizado todo. Nesse sentido, concordamos com Lo Bianco (2006a) quando diz ser possível os interessados pela psicanálise procurarem a universidade ao se depararem com o enigma e, assim, tentar recuperar esse saber pela via do saber universitário, o que os leva a outra direção.

Embora a Clínica não seja uma instituição psicanalítica e nem ofereça a formação analítica, nas apresentações de material clínico o terapeuta dá conta, de alguma forma, da qualidade analítica de seus atos e aqueles que o escutam testemunham isto. Kessler (2009) propõe a necessidade de haver, em uma clínica escola, alguém que encarne o suposto-saber, que seja suposto como portador do saber a respeito de como fazer um trabalho clínico. Tal necessidade, para o autor, tem função para tornar possível a sustentação do trabalho dos clínicos iniciantes. Em particular, chama a atenção para a direção da Clínica da UFRGS que não se furta de ocupar esse lugar de suposto-saber quando, por exemplo, toma decisões administrativas e as sustenta tanto internamente quanto perante outras instâncias da universidade ou do social.

A proposta de trabalho a partir da psicanálise em uma Clínica-Escola universitária traz conseqüências e faz surgir dilemas, tanto para o corpo docente quanto para o corpo discente, quando do encontro desses dois discursos. A universidade depara-se então com um limite quando se propõe trabalhar a partir da psicanálise, limite que está relacionado com a formação do analista. A questão que fica é o que os professores/supervisores e os alunos/terapeutas podem fazer com estes dilemas, com as diferenças que surgem do encontro destes dois discursos de maneira que não paralise e que não engesse o trabalho? Do lado do terapeuta/aluno esse engessamento pode

impedir que participe ativamente na instituição, que se coloque como sujeito, ficando ao invés disso na posição de eterno estudante. Aquele que vem apenas para estudar a teoria, nos diz Brasil (1990/2009), supondo assim se apropriar do saber do mestre, perde a dimensão da experiência, seu lugar de enunciação.

No primeiro dia de início do curso de especialização, chega a notícia de que embora o investimento financeiro e de tempo se mantivesse o mesmo, não haveria o título de especialista. Surge o dilema: valeria a pena arcar com uma mensalidade alta quando se é recém-formado e dispor de tantas horas semanais sem receber o tão importante título? Ficar dois anos investindo fazendo “apenas” um curso de extensão?

Ao pedido da turma para negociar o valor para uma quantia mais baixa e diminuir a carga horária através da redução do número de pacientes que cada terapeuta atenderia, a instituição disse não. Essa resposta negativa exigiu um posicionamento: permanece quem está disposto a se implicar junto com o seu tempo e dinheiro para receber ganhos de outra ordem. Bem sabemos que quando se trata da psicanálise o tempo e o dinheiro não são questões sem importância, mas, ao contrário, dizem de um investimento libidinal.

Trata-se de uma convocação a uma implicação, não há mais como continuar na posição passiva de espera e de queixa. É aí que o giro se dá. Há uma convocação de posicionamento, de aparecer como sujeito na Clínica, uma convocação a aproveitar os espaços institucionais, criar espaços de estudos, demandar supervisão. Não que uma vez que esse giro aconteça, o posicionamento está garantido. Mas é a fundação de um lugar que até então não existia. É outra postura em relação à formação, apesar de ainda encontrar-se em um ambiente acadêmico.

Todavia, encontramos neste trabalho uma via diferente da encontrada por Castro (2006) para a passagem do Discurso Universitário para o Discurso do Analista.

Enquanto que o referido autor propõe que tal passagem se dê através da histerização do discurso, ou seja, através da passagem pelo Discurso Histórico, interrogamos aqui se a referida passagem possa ter acontecido através do Discurso do Mestre. Partindo da cena que motivou este trabalho, é possível que ao pedido da histórica pelo universitário a Direção respondeu-se não, ou seja, atravessou-se pelo Discurso do Mestre, o que, só depois, possibilitou pensar aqui questões referentes à formação do analista.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, M. A. O porquê da instituição In: **Correio APPOA**, Porto Alegre, n. 186, p. 13-23, dez. 2009.

CASTRO, J. E. **Conseqüências éticas da teoria lacaniana dos discursos no ensino da psicanálise**. 2006. 183 p. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FONTENELE, L. Inserção e recepção da psicanálise no curso de psicologia da UFC. In Alberti, S. & Figueiredo, A. C. (Orgs.) **Psicanálise e Saúde Mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga (1924) In: **Obras completas**, v. 20 Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919) In: **Obras Completas**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Sobre o ensino da Psicanálise nas Universidades (1919) In: **Obras Completas**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

LACAN, J. O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

KESSLER, C. H. **A supervisão na clínica escola: o ato no limite do discurso**. 2009. 140 p. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LO BIANCO, A. C. Psicanálise e universidade: a questão da filiação do analista. In: Lo Bianco, A. C. (Org). **Freud não explica: a psicanálise nas universidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

LO BIANCO, A. C. Apresentação. In: Lo Bianco, A. C. (Org). **Freud não explica: a psicanálise nas universidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

ORTMANN, E. S. **Psicanálise e Clínica na Universidade**. 40 p. Monografia (Especialização em Atendimento Clínico ênfase Psicanálise). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

STERNICK, M. V. C. Da intenção da transmissão à extensão da clínica psicanalítica na universidade. In: Alberti, S. & Figueiredo, A. C. (Orgs.) **Psicanálise e Saúde Mental: Uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

SOBRE OS AUTORES

Carlos Henrique Kessler. Professor (Depto. de Psicanálise e Psicopatologia) e Diretor da Clínica de Atendimento Psicológico do IP-UFRGS. Doutor em Teoria Psicanalítica (UFRJ); Líder do Grupo de Pesquisa “A Psicanálise e a Clínica na Universidade”. Psicanalista (APPOA).

Etiene Silveira Ortmann. Psicóloga (UFRGS). Especialista em Atendimento Clínico Ênfase Psicanálise (UFRGS). Participante do Grupo de Pesquisa “A Psicanálise e a Clínica na Universidade”.